

# Carta e Autorretrato:

Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector  
e Frida Kahlo

Gilda Sabas de Souza | PUC-SP – UNIESP

Possui graduações nos cursos de Educação Artística, Letras e Pedagogia. É mestre em Literatura e Crítica Literária, com pesquisa desenvolvida sobre a construção do lirismo na poesia de Augusto de Campos, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutora em Comunicação e Semiótica, com pesquisa sobre o processo de criação artística, pela mesma universidade. Atualmente, atua como professora na Faculdade de Diadema – UNIESP.

**Resumo.** Partindo do princípio de que o autor da carta escreve sobre si mesmo e o artista do autorretrato faz o retrato de si mesmo, este artigo propõe uma reflexão a respeito de uma possível analogia entre a escritura de cartas das autoras Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector e Frida Kahlo, e o processo de criação dos autorretratos da própria Frida Kahlo. Para tanto, conceituou-se a carta e o autorretrato, observou-se os seus processos de construção e relacionou-se o processo criativo entre ambos. Percebeu-se que tanto a carta quanto o autorretrato são representações das próprias artistas, portanto, propõe-se uma possível analogia entre a escritura das cartas das autoras e o processo de criação dos autorretratos de Frida Kahlo.

**Palavras-chave.** carta, autorretrato, analogia.

## Charter and Self-portrait: Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector and Frida Kahlo

**Abstract.** Assuming that the author of the letter writes about himself and the artist's self-portrait is a portrait of yourself, this article proposes a reflection on a possible analogy between the writing of letters of the authors Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector and Frida Kahlo, and the process of creating self-portraits of Frida Kahlo own. Therefore, the letter was conceptualized and the self-portrait, it was observed its construction process and related creative process between them. It was noticed that both the letter and the self-portrait are representations of themselves artists therefore proposes a possible analogy between the writing of the letters of the authors and the process of creating self-portraits of Frida Kahlo.

**Keywords.** charter, self-portrait, analogy.



## Carta: a narrativa de si mesmo

*É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve; porém, assim como um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma.*

Michel Foucault

A carta é uma narrativa na qual o autor escreve sobre si mesmo. A esse respeito, Foucault (2006, p. 157) explica:

[...] a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias,

ou seja, nesta escrita da relação consigo mesmo, o autor procura deixar evidente a sua aparência física e seus estados emocionais.

Por ser a carta uma narrativa na qual o remetente escreve sobre si mesmo, parece ser possível fazer uma analogia entre a sua escritura e o processo de criação de autorretrato, porque o modelo utilizado pelo artista para construir seu autorretrato, é ele próprio.

Outro aspecto que nos remete a uma possível semelhança entre a escritura da carta e o processo de criação do autorretrato, é que tanto o autor da carta quanto o artista do autorretrato evidenciam suas presenças físicas e seus estados emocionais a quem os recebem.

Sobre a presença do autor da carta a quem ele a envia, Foucault (2006, p. 156) esclarece:

A carta torna o escritor 'presente' para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física,

o que nos permite dizer que o autor da carta se torna presente para quem a recebe por manifestar seus sentimentos na carta e relatar sobre si mesmo no intuito de se revelar ao outro.



## Autorretrato: o retrato de si mesmo

*Auto-retrato é uma forma de registro em que o modelo é o próprio artista. O retratado é quem se retrata.*

Katia Canton

O conceito de autorretrato está embasado na definição de ser o retrato que o indivíduo faz de si mesmo por meio do desenho, da pintura, da gravura, da escrita ou da forma oral. Na tentativa de vencer a vida que é efêmera, o ser humano usa o autorretrato para registrar no tempo a sua imagem externa e os seus estados emocionais. No ato de retratar-se, o artista descreve o seu aspecto físico e o seu caráter para revelar sua expressão mais profunda.

O autorretrato revela marcas da reflexão do artista a respeito de si mesmo, independente da linguagem ou suporte, pois, ele procura se mostrar, ou se descobrir por meio desta criação. Segundo Sylvia Fernandes (2003, p. 30):

Arnold Hauser faz alusão à ideia de autorretrato já na arte egípcia atrelando esse conceito à construção do papel social do artista. Porém, foi no período do Renascimento que o autorretrato tornou-se realmente popular.

J. Moulin (*apud* FERNANDES, 2003, p. 86) aborda dois tipos de autorretratos: o pictórico e o retrospectivo. A respeito do segundo ele explica que “é aquele em que o artista se olha, vendo-se ele se vê, frequentemente em complacência. Coloca-se como sujeito de sua obra, inquietando-se consigo mesmo, sua aparência e seus sentimentos”. Esta é a obra que permite ao artista olhar para si mesmo e revelar seus sentimentos perante ele próprio e o mundo.

Ao construir o retrato de si mesmo, o artista se vê e se deixa ver pelos outros, assim como o autor da carta que se retrata deixando evidente seus traços físicos e estados emocionais.

## Carta e Autorretrato

*Tu me escreves com frequência e te sou grato, pois assim te mostras a mim [...] pelo único meio de que dispões. Cada vez que me chega tua carta, eis-nos imediatamente juntos. Se ficamos contentes por termos os retratos de nossos amigos ausentes [...] como uma carta nos regozija muito mais, uma vez que traz os sinais vivos do ausente, a marca autêntica de sua pessoa. O traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar.*

(SÊNeca *apud* FOUCAULT, 2006, p. 156)



Ao escrever uma carta, o autor escreve sobre si, suas características físicas e sentimentos, manifestando assim sua presença física ou estado emocional ao destinatário. A carta traz em sua escritura o exercício pessoal do autor, suas marcas e maneiras de se expressar. Por esse motivo, dizemos que ele faz o seu autorretrato.

[...] a missiva, texto por definição destinado a outro, também permite o exercício pessoal. É que, como lembra Sêneca, ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz. (FOUCAULT, 2006, p. 153)

Para refletirmos acerca da possível analogia entre a escritura das cartas e o processo de criação de autorretratos, apresentaremos trechos de cartas escritas por Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector e Frida Kahlo, e autorretratos da própria Frida que relata sobre o seu processo criativo dos mesmos.

Em uma carta para Carlos Chávez, Frida conta sobre si mesma e sobre o processo de criação do seu autorretrato:

Uma vez que meus temas sempre foram minhas sensações, meus estados de espírito e as reações profundas que a vida tem causado dentro de mim, muitas vezes materializei tudo isso em retratos de mim mesma, que eram a coisa mais sincera e real que eu podia fazer para expressar o que sentia a meu respeito e a respeito do que eu tinha diante de mim. (KAHLO, 1997, p. 105-106)

Nesta carta, Frida faz o seu autorretrato ao narrar os seus sentimentos, ao escrever sobre si mesma, e esclarece que ele é feito a partir dos sentimentos que têm a seu próprio respeito.

A carta, segundo Foucault (2006, p. 155-156)

[...] é alguma coisa mais do que um adestramento de si mesmo pela escrita, através dos conselhos e advertências dados ao outro: constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros.

O autor da carta faz um retrato das suas emoções e do seu corpo ao revelar a sua imagem para si e para os outros. Isto é evidente no relato de Clarice a Lúcio Cardoso:

As pessoas daqui me olham como se eu estivesse vindo direto do Jardim Zoológico. Concordo inteiramente. Para não chamar atenção, estou usando cachinhos na testa e uma voz doce como nem Julieta conheceu. (LISPECTOR, 2002, p. 15)

Clarice se mostra, materializa a sua imagem física e o seu estado emocional. Cria o seu retrato no discurso de sua carta e revela a imagem de uma determinada Clarice ao sair do Jardim Zoológico. Para Marcos Moraes (2007, p.



98): “Essa materialização da alma desemboca, muitas vezes, na manifestação de uma corporeidade que presentifica o remetente, reforçando o oferecimento de uma intimidade [...]”.

Segundo o filósofo grego Demétrio (*apud* MORAES, 2007, p. 14) a carta “revela a nossa própria alma”, e Marcos Moraes (2007, p. 15) explica que o discurso desse tipo de carta “torna-se um reservatório das reflexões sobre nós mesmos, sobre nossos conhecidos e sobre o mundo em que vivemos, permitindo o esboço de um ‘retrato’ da nossa personalidade”. Por ser a carta uma narrativa que trata da escrita de si mesmo, nela é possível encontrar o esboço do retrato físico e detalhes da personalidade do autor, e ainda, é capaz de revelar os estados emocionais de sua alma.

Nas cartas de Ana, Clarice e Frida, percebemos que as autoras lidam com as verdades sobre si mesmas, seus corpos e emoções, e se revelam para si e para os outros (seus destinatários) construindo assim seus autorretratos por meio do texto escrito.

A carta é também uma maneira de se apresentar a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana. Narrar o seu dia – não absolutamente por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente quando ele não é senão semelhante a todos os outros, demonstrando assim não a importância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser – [...]. (FOUCAULT, 2006, p. 156)

Se na carta o autor revela e oferece a sua intimidade e o desenrolar de sua vida cotidiana, assim também o faz o artista em seu autorretrato, pois em ambas as formas o autor e o artista fazem o retrato de si mesmos para partilhá-lo consigo e com os outros a quem os oferecem, conforme observamos tanto nas cartas das três autoras quanto nos autorretratos de Frida Kahlo.

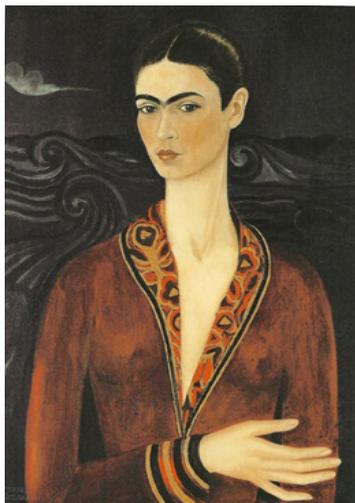
A respeito do processo criativo de Frida de seus autorretratos, Carlos Fluentes (1995, p. 16) escreve:

Kahlo esforçou-se para manter a feiura a uma certa distância, apenas para ver claramente o que era feio, doloroso ou cruel, para descobrir sua afinidade, [...], com a verdade sobre o seu próprio eu, sua própria face, seu próprio corpo. Através da sua arte, Kahlo parecia entrar em acordo com a sua própria realidade: o horrível, o doloroso, pode levar-nos à verdade do autoconhecimento. E tornar-se belo simplesmente por identificar nosso verdadeiro ser, nossas qualidades íntimas. Os auto-retratos de Kahlo [...] nos mostram as sucessivas identidades de um ser humano que ainda não é, mas que já começa a ser.

O autorretrato apresentado a seguir foi pintado por Frida Kahlo para presentear Alejandro Gómez Arias, depois que o namoro entre ambos foi



rompido. Na tentativa de reconquistá-lo, Frida retrata a si mesma, pinta o seu corpo físico e parece deixar evidente em sua pele o desejo do toque e em seus olhos o desejo da alma.



**Fig. 1.** Frida Kahlo: *Auto-Retrato com Vestido Vermelho de Veludo*, 1926.  
Óleo sobre tela, 79,7 cm x 60 cm. Cidade do México, legado de Alejandro Gómez Arias  
Fonte: [www.fridakahlo.org/self-portrait-in-a-velvet-dress.jsp](http://www.fridakahlo.org/self-portrait-in-a-velvet-dress.jsp)

A respeito deste autorretrato, Frida Kahlo (*apud* JAMIS, 1992, p. 95) escreveu: “Meu primeiro quadro foi para Alejandro. Evidentemente. Eu me represento, busto e rosto, altiva, sóbria, calma, séria. Refinada, serena, nada transparece da tumultuosa Frida. Olho para o espectador, na ocasião Alejandro, eu o espero. [...]”.

A postura descrita por Frida de si mesma revelada em seu autorretrato, confirma a proposta de Katia Canton (2001, p. 10) “O auto-retrato é o espelho do artista. Nele se reflete sua imagem externa, assim como seu estado de espírito e sua própria maneira de ver a arte, conforme vai usando cores, luzes, traços, formas e texturas.”

Em carta para Maury Gurgel, Clarice desenha o seu retrato. Diz como gostaria de ser: um embrulho com lacinho de fita. A autora descreve tão claramente seu desejo que é possível visualizar a imagem que ela faz de si mesma.

Mas ando de um lado pra outro, dentro de mim, as mãos abandonadas, pronta pra inventar uma tragédia russa, pronta pra criar um motivo que me acorde... horrível. Estou tão vaga,



tinha vontade de fazer um embrulho de mim, com papel de seda, lacinho de fita, e mandá-lo pra você. Aceita? (LISPECTOR, 2002, p. 20)

Ao ler a carta de Clarice é possível visualizar o retrato que ela faz de si mesma ao deixar expostos a sua aparência física e o seu estado emocional. A esse respeito, Marcos Moraes (2007, p. 95) enfatiza que, na carta, o autor revela

O corpo e suas doenças, as sensações físicas, a objetivação daquilo que se passa na alma e a narrativa do cotidiano corriqueiro confirmam o nascimento de uma individualidade reflexiva em que a 'narrativa de si é a narrativa da relação a si'.

Ou seja, neste tipo de narrativa o autor revela a si mesmo, expondo os seus sentimentos e a sua aparência, como também o faz Ana Cristina ao escrever para Maria Cecília:

Hoje passei um dia merdinha, laminha mesmo. Acordei às 8 da manhã com um rápido acesso de angústia (não podia respirar, coração a mil, choques elétricos nos braços e nas pernas). Nunca tinha sentido de manhã, cheguei a panicar um pouco, mas depois fiquei pensando 'é só angústia', deitei, dormi. (CESAR, 1999, p. 155)



**Fig. 2.** Frida Kahlo: *Recordação ou O Coração*, 1937.

Óleo sobre metal, 40 cm x 28 cm. Paris, Coleção Michel Petitjean

Fonte: [http://www.portalmedico.org.br/biblioteca\\_virtual/belas\\_artes/cap2.htm](http://www.portalmedico.org.br/biblioteca_virtual/belas_artes/cap2.htm)



Em sua carta, Ana relata o seu estado de alma, retrata a si mesma ao descrever os seus sentimentos e narrar os acontecimentos do seu dia a dia. Segundo Christine Debory-Momberger (2009, p. 109) “Na *autorrepresentação* [...] à qual o indivíduo acende pela narrativa, ele trabalha indistintamente na construção de si mesmo [...]”, o que parece confirmar uma relação analógica entre o processo de criação da carta e do autorretrato, pois em ambas as obras, os artistas trabalham na construção de si mesmos, do retrato de seus sentimentos e de sua aparência física, conforme observamos neste outro autorretrato de Frida Kahlo no qual a artista se retrata por fora e por dentro. Ela expõe o seu coração sangrando em desagrado à traição de Diego Rivera (seu esposo) com a sua irmã, Cristina. Mostra seu corpo defeituoso e o pé doente. Não tem mãos para se defender, apenas um corpo esfacelado e a alma doente, o que está de acordo com a observação de Canton (2001, p. 26) “Um auto-retrato pode salientar formas do rosto e do corpo do(a) artista. Formas que ele/ela aprecia ou que rejeita em si mesmo(a)”.



**Fig. 3.** Frida Kahlo: *As Duas Fridas*, 1939.

Óleo sobre tela, 173,5 cm x 173 cm. Cidade do México, Museu de Arte Moderno

Fonte: [www.portalmédico.org.br/biblioteca\\_virtual/belas\\_artes/cap2.htm](http://www.portalmédico.org.br/biblioteca_virtual/belas_artes/cap2.htm)



No autorretrato *As Duas Fridas* a artista retrata as emoções vividas por ela ao se separar de Diego Rivera. As duas Fridas têm um olhar distante. A veia que as une parece alimentar os dois corações e a solidão de ambas. Sobre o sofrimento revelado, escreve:

– Um coração inteiro, como o outro que está aberto... Quando tenho Diego nas mãos, estou completa... A vida da outra Frida está destrocada, seu coração está sangrando... (KAHLO *apud* JAMIS, 1992, p. 211)

Neste autorretrato, Frida revela suas emoções e angústias, expõe não só seu corpo físico, mas também seus órgãos internos, na intenção de se mostrar para si e para os outros.

Os autorretratos são testemunhos em que o ego do artista como seu modelo e motivo se relaciona simultaneamente com outras pessoas. Os artistas representam-se a si próprios como querem ser vistos pelos outros, mas também porque querem distinguir-se deles. (REBEL, 2009, p. 6)

Em carta para Alejandro, Frida também faz um retrato de si, cria a sua imagem tão real quanto o seu autorretrato:

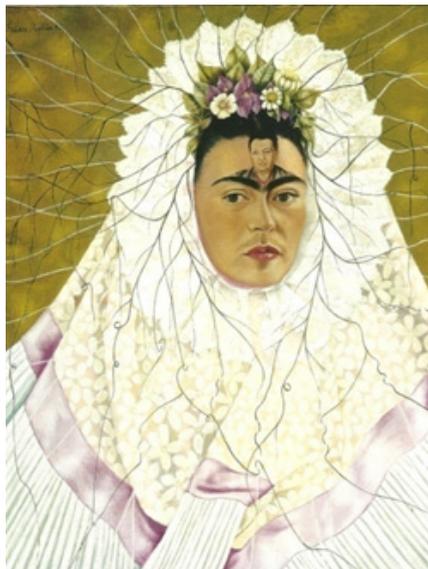
Estou, como sempre, enferma. Veja como isto é maçante. Não sei mais o que fazer, já que estou assim há mais de um ano e estou farta. Tenho uma porção de queixas, como uma velha! Não sei o que será quando tiver trinta anos. Você terá que me enrolar num pano de algodão e me carregar para lá e para cá o dia inteiro; não acho, como lhe disse um dia, que possa carregar-me numa sacola, porque eu simplesmente não caberia. [...] Preciso que você me diga alguma coisa nova, porque realmente nasci para ser um jarro de flores e nunca sair da sala de jantar. (KAHLO, 1997, p. 28)

Nesta carta, Frida faz um retrato de suas emoções e de sua aparência física. Ela se vê como um pacote que pode ser carregado e como um vaso de flores posto em uma sala de jantar. Mostrar-se assim por meio da escrita, condiz com a ideia de Foucault (2006, p. 156):

Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face.

Nesse processo de criação, ao preparar um “face a face” entre o remetente e o destinatário, a carta se assemelha ao autorretrato, que por sua vez, também revela um “face a face” entre o artista e seu espectador.





**Fig. 4.** Frida Kahlo: *Auto-Retrato como Tehuana ou Diego no Meu Pensamento ou Pensando em Diego*, 1943. Óleo sobre masonite, 76 cm x 61 cm. Cidade do México, Coleção Jacques & Natasha Gelman  
Fonte: <https://saladeartsvirtual.files.wordpress.com/2013/05/auto-retrato-como-tehuana-ou-diego-no-meu-pensamento-ou-pensando-em-diego-1943.jpg>

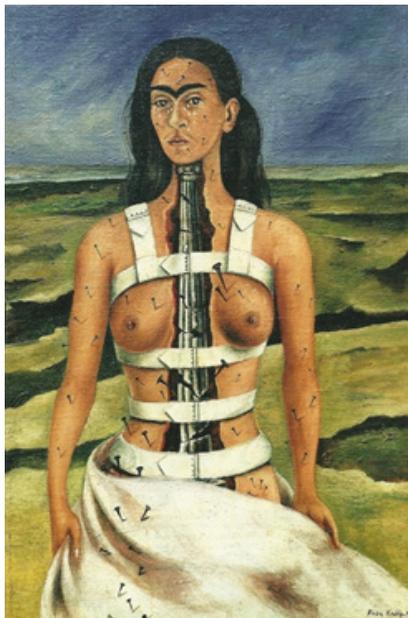
No autorretrato *Auto-Retrato como Tehuana ou Diego no Meu Pensamento ou Pensando em Diego*, de Frida Kahlo a artista se mostra com o traje que Diego mais gostava e traz na testa o desenho do próprio Diego para demonstrar que ele não sai do seu pensamento. Frida fica face a face com os outros ao revelar sua presença física e seus sentimentos.

Ana Cristina, por sua vez, escreve a Ana Candida e também materializa a sua imagem carregada de emoções:

P. me disse pelo telefone: 'você é a rainha da sedução'. Estou muito convicta da necessidade de me tratar. Me sinto aberta e desejosa de tratamento, suportando a dor. É rara a sessão em que fico indiferente ao que acontece, e o que acontece tem sempre a ver com o meu narcisismo. (CESAR, 1999, p. 202)

Assim como Ana Cristina, Frida faz o retrato de si mesma usando um colete de aço, o qual usou durante quase toda a vida.





**Fig. 5.** Frida Kahlo. *A Coluna Partida*, 1944.  
Óleo sobre tela montado em masonite, 40 cm x 30,7 cm. Cidade do México, Coleção Dolores Olmedo. Fonte: <http://www.fridakahlo.org/the-broken-column.jsp>

A artista mostra a sua dor, a sua solidão e o vazio que ecoa em sua alma, e estes parecem esvaír-se pelos seus olhos. Frida ao retratar a si mesma, revela mais que o seu corpo físico, apresenta sua alma e os acontecimentos do seu cotidiano. Isto também percebemos nas cartas de Ana, Clarice e da própria Frida, como nos trechos a seguir. Frida escreve para Alejandro e declara:

Virei uma 'lagriminha' [triste], como sempre. Embora eles me levem para apanhar sol (por quatro horas) todas as manhãs, não acho que tenha melhorado nada, porque as dores continuam as mesmas e estou muito magra. (KAHLO, 1997, p. 37)

Clarice escreve para Elisa e Tania e desabafa: “Quem está se divertindo é uma mulher que eu não conheço, uma mulher que eu detesto, uma mulher que não é a irmã de vocês. É qualquer uma. [...]” (LISPECTOR, 2002, p. 115). Ana Cristina, por sua vez, escreve para Ana Candida e explica: “Sou o espírito das sombras. Tenho muito que escrever e um lugar bobo me tira o tempo. Também sou mais velha, como você diz, mulher de 30. Fiz outra permanente e o cabeleireiro achou fios brancos” (CESAR, 1999, p. 291).



Ana, Clarice e Frida ao narrarem em suas cartas os acontecimentos cotidianos de suas vidas, fazem seus autorretratos a partir da descrição de suas aparências físicas e dos seus estados emocionais. Assim, elas se revelam para si e para os outros.

Em suas cartas as autoras escrevem sobre si mesmas, assim como Frida se revela em seus autorretratos. Tanto a carta quanto o autorretrato são representações das próprias artistas, porque são elas os modelos utilizados na construção das suas obras. Portanto, propõe-se uma possível analogia entre a escritura das cartas de Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector e Frida Kahlo, e o processo de criação dos autorretratos da própria Frida.

## Referências

CANTON, Katia. *Espelho de artista*. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

CESAR, Ana Cristina. In: FREITAS FILHO, Armando; HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Correspondência Incompleta/ Ana C.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Filiações e rupturas do modelo autobiográfico na pós-modernidade. Tradução: Helena Coharik Chamlian. In: GALLE, Helmut, OLMOS, Ana Cecília, KANZEPOLSKY; Adriana, IZARRA; ZUNTINI, Laura (Orgs.). *Em primeira pessoa – abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009.

FERNANDES, Sylvia Ribeiro. *A criação do sujeito, comunicação, artista e obra em processo*. Doutorado. Programa de Comunicação e Semiótica PUC-SP. São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. (Org.) MOTTA, Manuel Barros da. *Ética, Sexualidade, Política*. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FLUENTES, Carlos. Introdução In: KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

JAMIS, Rauda. *Frida Kahlo*. Tradução: Luiz Claudio de Castro e Costa. 2.ed. São



Paulo: Martins Fontes, 1992.

KAHLO, Frida. ZAMORA, Marta (compilação). *Cartas Apaixonadas de Frida Kahlo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

LISPECTOR, Clarice. MONTERO, Teresa (Org.). *Correspondências/Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MORAES, Marcos Antônio. *Orgulho de Jamais Aconselhar: A epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Me escreva tão logo possa*. (Org.) São Paulo: Salamandra, 2007.

REBEL, Ernst. *Autorretratos*. Tradução: Verônica Vilar. Los Angeles: Taschen, 2009.

Artigo recebido em agosto de 2015. Aprovado em novembro de 2015.

